

Tales Faria

Ao PT de MG, Pacheco diz que ainda não desistiu da candidatura

O presidente nacional do PT, Edinho Silva, declarou nesta terça-feira, 19, que o senador Rodrigo Pacheco (PSB-MG) desistiu de concorrer ao governo do estado. Mas, em contato com a direção do PT mineiro, Pacheco desautorizou o dirigente nacional petista.

“Em Minas Gerais, nós estávamos trabalhando com a candidatura de Rodrigo Pacheco, mas, infelizmente, ele optou por não ser candidato”, disse Edinho Silva em entrevista ao economista Felipe Salto no podcast da Warren Investimentos.

Ele pegou até mesmo o PT de Minas Gerais em surpresa. Logo a seguir, a deputada Leninha, que é presidente estadual do PT, afirmou à imprensa local: “Ainda não tivemos essa declaração vinda do próprio Pacheco, que é o que aguardamos.”

Na verdade, ela foi procurada por emissários do senador desautorizando Edinho Silva. Pacheco mandou avisar: “Só decido depois de conversar com o presidente”. A conversa com Luiz Inácio Lula da Silva (PT) deve ocorrer nesta semana.

O senador, de fato, não está empolgado com a candidatura em aliança com o PT por falta de garantias do partido de que dará sustentação financeira à sua campanha. Ele considera o PSB em Minas uma legenda com poucos recursos financeiros e, sem garantias do PT, acha que não terá como concorrer.

Na avaliação dos aliados de Rodrigo Pacheco, Edinho Silva deu a declaração para forçar a que o senador tome uma decisão sem que o PT precise se comprometer com os recursos de campanha.

O senador acha que apenas o presidente da República pode fazer com que o PT lhe dê essa garan-

tia. Então resolveu que só tomará uma decisão final sobre concorrer ou não ao governo do estado depois de conversar com Lula. Caso sinta que nem o presidente pode assegurar os recursos de campanha, aí, sim, desistirá definitivamente de concorrer.

Foi Lula quem convidou Pacheco para encaixar a chapa com o PT visando montar um palanque forte no estado em defesa de sua candidatura à reeleição para o Palácio do Planalto. Minas é considerado decisivo nas campanhas presidenciais. Nenhum presidente da República foi eleito tendo sido derrotado no estado.

Um outro complicador para que Pacheco decida concorrer ao governo é que seu principal aliado no Congresso, o presidente do Senado, Davi Alcolumbre (União-AP), já o lançou como candidato a ministro do Tribunal de Contas da União (TCU) na vaga aberta pela saída de Bruno Dantas.

A vaga pertence ao Senado. Dantas chegou lá pelas mãos do então presidente da Casa, Renan Calheiros (MDB). Agora Alcolumbre, que vive uma queda-de-braço com o presidente Lula, resolveu lançar o nome de Rodrigo Pacheco. Com isso, ele pode desmanchar de vez o palanque petista em Minas Gerais.

Na verdade, também o PL não conseguiu ainda montar um palanque forte em Minas Gerais para o pré-candidato do partido a presidente da República, o senador Flávio Bosonaro (RJ).

Lula e Flávio vivem, neste momento, uma corrida pela montagem de seus palanques no estado. Mas, como bom mineiro, Pacheco tem dito que “ainda é cedo para tanta pressa”.

Fernando Molica

Flávio e o risco de cair do cavalo

A pesquisa Atlas/Intel e a confissão de Flávio Bolsonaro, que admitiu ter visitado Daniel Vorcaro depois que este havia sido preso, dão novo sentido à palavra “horse” presente no título do filme sobre Jair Bolsonaro e indicam que o pré-candidato do PL tem grandes chances de cair do cavalo.

“Dark Horse”, literalmente “cavalo escuro”, é uma expressão em inglês que designa o azarão, aquele que contraria os prognósticos e sai vencedor de uma disputa. O título é uma referência a Jair e seu improvável triunfo em 2018.

Mas as palavras e os fatos são traiçoeiros. Depois de toda essa lambança relacionada ao filme, Flávio Bolsonaro é que se vê na condição de azarão — mas, aqui, sem qualquer conotação positiva. É como se ele, de possível puro-sangue inglês, o rei das pistas, virasse pangaré.

Evidentemente que tudo pode mudar, não seria a primeira vez que sapos virariam príncipes; na vida política, cavalos mancos têm chance de recuperarem o garbo e ganharem páreos importantes.

O problema é que Flávio acumula excesso de problemas em sua biografia. A anulação das provas do caso das rachadinhas não eliminou a evidência de que o faz-tudo Fabrício Queiróz pagava contas da família do chefe com dinheiro vivo que não saía das contas de Flávio ou de sua mulher; os lucros exorbitantes da fantástica loja de chocolates também desafiam a realidade do comércio; as complicadas e suspeitas transações imobiliárias também mereceriam mais explicações.

Tudo isso tinha sido que meio sepultado, receberia, na campanha eleitoral, a velha e sempre útil definição de “denúncia requentada”. Mas a batata

quente das relações com o amigo de fé, irmão camarada Vorcaro não pode ser ignorada — e seu calor contamina o que havia sido posto na geladeira, restos que envolvem Bolsonaro-pai.

A conversa que trata do pedido de dinheiro feito ao então dono do Master deixa evidente que Vorcaro participava do projeto eleitoral da família Bolsonaro e remete às milionárias doações que seu parça Fabiano Zettel fez para a campanha de reeleição do ex-presidente (R\$ 3 milhões) e para a eleição de Tarcísio de Freitas para o governo de São Paulo (R\$ 2 milhões).

O caso Flávio/Vorcaro estourou pouco depois da operação da Polícia Federal que teve como um dos alvos o senador Ciro Nogueira (PP-PI), ex-ministro-chefe da Casa Civil do Bolsonaro-pai e citado por Flávio como um possível candidato a vice-presidente em sua chapa.

Segundo as investigações, Nogueira teria recebido pronto do Master o texto da emenda que beneficiaria o banco. E Vorcaro só virou banqueiro graças à boa-vontade do Banco Central então presidido por Roberto Campos Neto, aquele que foi votar vestido com a amarelinha apropriada pelos bolsonaristas.

A perspectiva familiar adotada por Bolsonaro-pai na política dificulta um movimento que seria razoável, a retirada da candidatura de Flávio até para tentar esfriar o assunto. Isso, em tese, tiraria o clã dos holofotes e ajudaria os aliados. O problema é que, para Jair, os correligionários que importam são os que têm seu sobrenome — desde o registro de nascimento.

Corridas de cavalo são imprevisíveis, não resistem a segredos de cocheira. Mas, ao que tudo indica, Flávio, depois do novo tombo, vai ficar na largada.

EDITORIAL

O milagre estatístico da sobrevivência

Campinas registrou crescimento de 44% no número de trabalhadores com mais de 50 anos no comércio em apenas uma década. O dado pode até parecer positivo à primeira vista. O discurso oficial justifica como inclusão, experiência valorizada e ‘amadurecimento’ do mercado de trabalho. Entretanto, basta olhar um pouco além das planilhas para perceber que talvez exista menos motivos de celebração e mais de necessidade nesta história.

O ponto mais revelador da pesquisa do Sindivarejista não reside no crescimento dos empregos para trabalhadores com mais idade, mas sim no fato de o comércio praticamente não ter crescido no período. Em dez anos, o segmento saiu de 93,6 mil empregos formais para 94,4 mil, um avanço irrisório de apenas 0,8%. Ou seja: quem sustentou o saldo positivo do comércio campineiro foram justamente os profissionais acima dos 50 anos, enquanto outras faixas etárias perderam espaço. E isso diz muito sobre o Brasil atual.

Os setores que mais absorvem esses trabalhadores são os supermercados, hipermercados e minimercados, atividades conhecidas por jornadas desgastantes, trabalho em pé ou sentado por horas, escalas aos fins de semana e salários comprimidos. E há uma explicação econômica e social bastante coerente para isso: os brasileiros mais velhos pertencem a uma geração treinada pela ‘sobrevivência’.

São pessoas que atravessaram hiperinflação, desemprego estrutural, dezenas de planos econômicos fracassados, recessões sucessivas e crises cambiais. Aprenderam cedo que estabilidade é artigo raro no país. Por isso, aceitam condições que os mais

jovens rejeitam. Não porque “amam trabalhar”, mas porque precisam complementar as suas aposentadorias insuficientes ou simplesmente continuar pagando as contas.

O próprio IBGE mostra que mais de 60% dos aposentados brasileiros vivem com até um salário mínimo. A chamada “aposentadoria”, comumente, já não aposenta mais ninguém. Ela apenas evita o colapso completo da renda familiar.

Enquanto isso, uma parte da juventude abandona as vagas formais exaustivas e migra para os aplicativos, informalidade ou pequenos trabalhos autônomos. E é nesse ponto que a explosão dos MEIs precisa ser observada com cautela.

O Brasil comemora recordes de microempreendedores individuais como se estivesse diante de uma onda de empreendedorismo vibrante. Porém, quantos desses novos CNPJs nasceram de uma oportunidade de negócio real e viável real e quantos surgiram depois de demissões silenciosas e da incapacidade do mercado formal de absorver trabalhadores?

O fenômeno dos 50+ no comércio talvez revele exatamente isso: um mercado sustentado por quem já conhece o peso das crises e aceita jornadas duras para sobreviver. Não é necessariamente sinal de prosperidade. Pode ser apenas o retrato de um país onde envelhecer deixou de significar descanso e passou a representar mais uma década de resistência econômica.

O problema não está nos trabalhadores maduros ocuparem espaço. Está no nosso país, que depende, cada vez mais, da resignação deles para manter as estatísticas funcionando.

Opinião do leitor

Neymar na Copa

A mala já tá pronta! Neymar rumo à Copa! Sorte menino Ney! Confesso: fiquei emocionado... O coração até acelerou... Neymar foi convocado! Rumo ao hexa!

José Ribamar Pinheiro Filho
Brasília - Distrito Federal

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) • Paulo Bittencourt (1929-1963) • Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral) | Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
patrickbertholdo@correiodamanha.net.br | redacao@correiodamanha.com.br

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação), Thiago Ladeira e Anderson Sá

Telefones: (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520

Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Núcleo Bandeirantes

Brasília - DF CEP 71736-20

São Paulo:
Campinas:

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.